

## INSTITUTO HISTÓRICO DE OLINDA: IMPORTÂNCIA E RESISTÊNCIA NA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE OLINDA - PE (1951-2025).

Erika Derquiane Cavalcante<sup>1</sup>

Os Institutos Históricos e Geográficos, atualmente julgados com relativo desprezo pela comunidade acadêmica, foram, por muitas décadas, as principais instituições dedicadas à coleta de documentação histórica, à preservação e construção da história nacional, além de estudos geográficos, etnográficos e linguísticos. O movimento dos Institutos Históricos e Geográficos começa com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, no Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1882, é fundado o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (IAGP). A partir desse momento, diversos outros institutos surgem por todo o território brasileiro, com o objetivo de preservar a história e a memória nacional. Seus membros eram, em sua maioria, vinculados à elite da época e ao Estado, o que fez com que suas narrativas históricas fossem, muitas vezes, moldadas por essas influências. Atualmente, os Institutos Históricos enfrentam grandes dificuldades e carecem do apoio do Estado. Um exemplo disso é o Instituto Histórico de Olinda (IHO), fundado em 1951, que desde então se dedica à pesquisa, divulgação de trabalhos históricos e à preservação da memória e do patrimônio histórico local. Sua sede está situada no centro histórico de Olinda, que é reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. O objetivo deste artigo é analisar a trajetória, a importância e a atuação atual do IHO, assim como as dificuldades enfrentadas pela instituição na preservação e salvaguarda do patrimônio histórico de Olinda, PE. Para o desenvolvimento deste estudo, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, visitas ao IHO, participação nas reuniões da instituição e entrevistas semiestruturadas com alguns de seus membros. Preliminarmente, podemos afirmar que o IHO continua a desempenhar um papel relevante como instituição de pesquisa e preservação da memória e do patrimônio histórico, embora enfrente a falta de apoio institucional e continue a ser pouco valorizado em sua atuação.

**Palavras-chave:** Institutos Históricos e Geográficos, Instituto Histórico de Olinda, história, preservação do patrimônio histórico.

### INTRODUÇÃO

Os Institutos Históricos e Geográficos, atualmente julgados com relativo desprezo pela comunidade acadêmica, foram, por muitas décadas, as principais instituições dedicadas à coleta de documentação histórica, à preservação e construção da história nacional, além de estudos geográficos, etnográficos e linguísticos. Em 1838, temos o surgimento do primeiro Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que tinha a missão de escrever uma história nacional.

---

<sup>1</sup> Professora do Estado de Pernambuco; Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [erikaderquianecavalcante@gmail.com](mailto:erikaderquianecavalcante@gmail.com)

Posteriormente, temos o surgimento de outros institutos históricos a exemplo do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (IAGP), em 1882, com o objetivo construir e preservar a história nacional. Era necessário registrar os fatos considerados mais importantes influenciados pela ideologia da época que pretendia uma cientificidade e, também, influenciado pela classe dominante, uma vez que os membros dessas instituições eram oriundos da elite da época e muitas vezes vinculados ao Estado. Produziram uma história enaltecendo o Estado e destacaram o que eles consideravam as grandes personalidades e feitos. Faz parte também a metodologia positivista, utilizada para colocar a disciplina de história objetiva e na qual o pesquisador apenas escreveria o que estava nos documentos escritos, sendo imparcial. (GUIMARÃES, 1988)

Assim, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro constrói a identidade nacional no século XIX, e é o ponto de partida no qual se começa a pensar sobre a História como disciplina e sua produção científica se tornando uma disciplina com status de cientificidade dentro das universidades e o historiador como pesquisador. Também temos o surgimento da metodologia para a realização da pesquisa dentro da cientificidade pedida nesse momento, sendo assim, temos uma influência europeia, dando uma maior importância da história nacional e local. A história se torna importante na construção de uma história Nacional e local, para a construção do Estado Nacional. (GUIMARÃES, 1988)

Dentro desse contexto, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi fundado em 21 de outubro de 1838, no Rio de Janeiro, durante o período regencial, com o propósito de organizar e construir uma memória histórica e geográfica que consolidasse a identidade nacional do Brasil recém-independente. Surgiu em um contexto de instabilidade política e de busca por unidade territorial e simbólica após a Independência de 1822, quando o Império buscava legitimar-se através da produção de uma narrativa nacional coerente.

A elite imperial percebeu a história como instrumento político de coesão, uma vez que “a monarquia precisava de um passado glorioso que a justificasse e a sustentasse como símbolo da unidade nacional”. Assim, o IHGB nasceu sob forte influência do Estado imperial, especialmente com o apoio de D. Pedro II, que se tornaria seu patrono e principal financiador, marcando a ligação entre intelectualidade e poder político. (CARVALHO, 1990)

Inspirado em instituições europeias, como o Institut Historique de Paris, o IHGB buscava reunir e preservar documentos, mapas e relatos que servissem para escrever uma história oficial do Brasil, unificada e centralizada. Como destaca Manoel Luiz Salgado Guimarães (1988), o Instituto teve papel fundamental na “invenção de uma tradição histórica”, ao selecionar quais eventos, personagens e regiões seriam valorizados como símbolos da

nacionalidade. Essa operação implicava, muitas vezes, excluir as vozes populares, indígenas e negras, privilegiando uma narrativa centrada na elite branca e letrada.

O IHGB foi parte de um projeto civilizatório e de modernização cultural do Império, articulando-se à ideia de uma nação “branca, letrada e católica”, voltada à valorização da ordem e do progresso. A produção histórica do Instituto priorizava a figura de D. Pedro I, os “heróis” da Independência e a continuidade da monarquia como fatores de estabilidade. (SCHWARCZ (1998). Assim, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro não foi apenas um espaço de produção intelectual, mas também um instrumento de poder simbólico, responsável por estabelecer quais memórias seriam reconhecidas como parte da identidade nacional. Ao longo do século XIX, sua atuação consolidou uma narrativa histórica elitista, mas que, paradoxalmente, também fundou as bases da historiografia científica brasileira, influenciando gerações de historiadores.

Atualmente, essas instituições, tem um peso menor e sofrem com o preconceito de outras instituições de saber como as universidades, pois não adviriam de um lugar de cientificidade. Além disso, temos a quase nenhuma valorização dado ao poder público, que pouco ou nada faz para contribuir com o desenvolvimento desses institutos, muitas vezes vistos como um gasto desnecessário pelos políticos, situação essa que é percebida em todos os Estados do Brasil, a história e a cultura são tratadas como coisa sem importância.

Nesse trabalho, destacamos o Instituto Histórico de Olinda (IHO) fundado em 1951. O objetivo desse artigo é contar um pouco sobre o surgimento do IHO e suas principais atividades, fazendo uma discussão sobre a importância dessa instituição enquanto um lugar de produção de conhecimento, divulgação da história de Olinda e de Pernambuco e também como órgão que tenta preservar o centro histórico, parte importante da história de Olinda, por ser considerado um Patrimônio da Humanidade pela UNESCO desde 1982<sup>2</sup>. Sua importância advém ao se colocar nesse lugar de resistência e de procurar desenvolver um trabalho junto à comunidade de conscientização da preservação do patrimônio e da história olindense e pernambucana. Mostrando também as dificuldades enfrentadas pela instituição no desenvolvimento de suas atividades.

Para esse artigo fizemos uma revisão bibliográfica sobre autores que discutem sobre esse tema. Fizemos também entrevistas semiestruturadas com alguns membros do IHO, participamos de algumas reuniões e eventos realizados para a comunidade no geral e

---

<sup>2</sup> O tombamento de Olinda pelo IPHAN ocorreu em 1968 e, posteriormente, em 1982 foi reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO.

comunidade escolar. Assim, defendemos que o trabalho realizado pelo Instituto Histórico de Olinda atua de forma efetiva na Preservação da Identidade Cultural e na preservação da memória e do patrimônio e com a pesquisa realizada podemos afirmar que o IHO, apesar do pouco reconhecimento da população, de sofrer preconceito, principalmente da universidade em termos de produção historiográfica e, atualmente, serem desvalorizadas pelo poder público, contribuem para a preservação do conhecimento histórico mesmo que suas atividades não tenham grande repercussão ou participação da comunidade.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa desenvolvida possui abordagem qualitativa, por buscar compreender as percepções, trajetórias e significados atribuídos pelos sujeitos às ações do Instituto Histórico de Olinda (IHO) na preservação do patrimônio cultural. De acordo com Minayo (2016), a pesquisa qualitativa é apropriada quando se pretende interpretar fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes, valorizando as dimensões simbólicas e subjetivas das experiências humanas.

Como etapa fundamental da investigação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Segundo Gil, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (2019, p. 50), o que permite ao pesquisador conhecer as contribuições e lacunas existentes sobre o tema.

Para a produção dos dados, optou-se pela entrevista semiestruturada, por permitir um equilíbrio entre a estrutura previamente elaborada pelo pesquisador e a liberdade de expressão dos entrevistados. Esse tipo de entrevista parte de “questões básicas, apoiadas em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa” (TRIVIÑOS, p. 146, 1987), mas possibilita que novas perguntas surjam de acordo com o diálogo. Essa flexibilidade é fundamental em estudos que envolvem memória, história e práticas culturais, pois favorece a emergência de narrativas pessoais e institucionais não previstas inicialmente.

Inicialmente iríamos entrevistar alguns membros do Instituto Histórico de Olinda, selecionados por sua relevância histórica, participação nas atividades do IHO e conhecimento sobre o funcionamento do IHO e as dificuldades enfrentadas pela instituição, mas só foi possível realizar a entrevista com o presidente do IHO, que relatou sua trajetória e participação na instituição, bem como as dificuldades enfrentadas e um dos sócios que também deu sua contribuição relatando os dilemas da instituição.

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, conforme o método proposto por Bardin (2011). Essa técnica, segundo a autora, consiste em um conjunto de procedimentos

sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que permite inferir conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das comunicações.

Desse modo, a utilização da entrevista semiestruturada nesta pesquisa sobre o IHO buscou valorizar a voz dos sujeitos envolvidos na preservação do patrimônio cultural da cidade, compreendendo suas motivações, desafios e estratégias de resistência ao longo de mais de sete décadas de atuação institucional, focando na sua atuação atualmente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Instituto Histórico de Olinda (IHO) foi fundado em 5 de maio de 1951, pelo jornalista olindense Gastão Manguinho. Entre os sócios fundadores do IHO estavam também José Maria de Albuquerque Melo, Lauro Gusmão, Benjamin Machado, Olímpio Bonald Neto, Vanildo Bezerra Cavalcanti, Barreto Guimarães, Otávio Pinto e José Jerônimo do Nascimento, entre outros. Uma formação composta por advogados, historiadores, jornalistas e escritores em sua maioria homens da elite pernambucana e com ligações com o Estado.<sup>3</sup>

Conforme suas diretrizes o IHO tem como missão promover a pesquisa histórica, a valorização da memória local e a defesa do patrimônio cultural da cidade de Olinda — um dos principais símbolos da formação histórica e artística do Brasil. Trata-se de uma associação civil sem fins lucrativos, composta por pesquisadores, professores, artistas e cidadãos comprometidos com a preservação da história e da cultura olindense.

De acordo com Jacques Le Goff, “(...) a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (1990, p. 476), pois através dela uma sociedade define quais passados deseja lembrar e quais prefere esquecer. Nesse sentido, o IHO atua como um lugar de memória no sentido proposto por Pierre Nora (1984) — um espaço físico e simbólico onde o passado é preservado, reinterpretado e transmitido às futuras gerações. Sua existência garante que a memória coletiva de Olinda não se perca diante das transformações urbanas e culturais impostas pela modernidade.

O Instituto funciona em sede<sup>4</sup> própria localizada no sítio histórico de Olinda, declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1982, o que reforça sua relevância simbólica e patrimonial. O espaço conta com auditório, biblioteca, sala de leitura e área para

---

<sup>3</sup> Informações retiradas do site do IHO, [Instituto Histórico de Olinda – Instituto histórico de Olinda](#) : Acessado em 02/09/2025.

<sup>4</sup> O espaço foi concedido pela Assembleia Legislativa com a aprovação da Lei 3254 de 1958, que autorizou o governador Cid Sampaio a doar o casarão para o IHO.

exposições, sendo também ponto de encontro de outras associações culturais e grupos de pesquisa que compartilham o compromisso com a preservação da identidade local.

O trabalho desenvolvido pelo IHO expressa o que Aloïs Riegl (1903) chamou de “valor de rememoração”, isto é, a consciência de que os bens patrimoniais não têm apenas valor estético ou histórico, mas também um papel afetivo e identitário na constituição da coletividade. A partir dessa perspectiva, a atuação do Instituto assume uma dimensão pedagógica e política quando realiza eventos para a participação da população, tentando incentivar a comunidade a reconhecer-se como guardiã de seu próprio passado.

Realizamos entrevista com o presidente do IHO, o professor doutor em história Severino Vicente da Silva, que após se aposentar como professor de história da Universidade Federal de Pernambuco, foi convidado a participar e fazer parte do IHO, convite realizado há 6 anos, e há 2 está como Presidente do IHO.<sup>5</sup> Um de seus objetivos junto ao Instituto é “Auxiliar, organizar a produção de história de Olinda que foi um desafio que me foi colocado (...) Como presidente a gente faz esses encontros, que vai dando subsídios e quem sabe algum dia a gente publica, não a história, mas alguma coisa sobre Olinda.” Aqui o presidente do instituto faz referência ao que está sendo produzido nas palestras e também nas publicações da Revista do Instituto, a Marim dos Caetés, que são produções voltadas para a História de Olinda.

De acordo com o presidente, o IHO conta com cerca de 38 membros. Participamos das reuniões entre novembro de 2024 a agosto de 2025 e pudemos atestar que nem todos participam de forma ativa, as reuniões sempre são compostas por poucos sócios cerca de 10 ou um pouco menos, variando em cada reunião. Os sócios e convidados se encontram mensalmente, sempre no primeiro sábado de cada mês, quando discutem sobre as pautas colocadas previamente durante o último encontro. Em relação a participação dos associados, o presidente nos informa que: “(...) dos 38 praticamente, eu acho que menos da metade contribui financeiramente. Dentre esses que contribuem financeiramente, nem todos vem aqui participar mensalmente das reuniões.”<sup>6</sup>

As reuniões começam com a leitura da ata da última reunião e em seguida são discutidos assuntos como palestras a serem ofertadas pelo Instituto, questões práticas de compras de produtos de limpeza, manutenção, questões da parte financeira, também são inseridos acontecimentos que os participantes trazem para reunião e por fim o que será discutido na próxima reunião. O quadro de sócios do IHO é diversificado, de acordo com o presidente, (...) temos jornalistas, tem escritores, poetas, e, recentemente, tem aumentado o número de

---

<sup>5</sup> Em 2026 serão realizadas novas eleições para renovação do quadro do IHO.

<sup>6</sup> Entrevista realizada com o Presidente do IHO em 16 de agosto de 2025.

historiadores, depois que eu comecei a ser membro comecei a trazer historiadores para cá então nós temos uma maior quantidade de historiadores agora.”

Referente aos problemas enfrentados pelo IHO, destacamos aqui a importante declaração do presidente quando relatando as principais dificuldades enfrentadas pelo Instituto hoje:

“...O grande problema primeiro é a participação social, são poucas as pessoas interessadas em participar e as que estão, às vezes, não tem a participação efetiva, apenas a participação nominal. É um problema social, vivemos em uma sociedade em que ninguém mais, quer ter responsabilidade social. O segundo problema é a questão estrutural. Nós temos uma estrutura boa, que nos foi concedida pelo Governo do Estado nos anos 50, mas ela precisa de restauro, é um trabalho muito grande e o financiamento vem da contribuição dos sócios, então não é suficiente para a manutenção e para os investimentos necessários, gostaríamos de ter melhor organizado a biblioteca, os livros que nós temos aqui, estamos tentando fazer isso. É uma questão estrutural, uma questão de que precisamos de uma maior adesão não apenas numérica, mas entusiasmos pra gente fazer, não tem pessoas entusiasmadas e fica difícil tocar o barco adiante.”

O IHO passa por dificuldades financeiras e estruturais, o referido casarão é antigo e não foi realizada nenhuma reforma que tornasse o espaço apropriado para receber a biblioteca que está em fase de catalogação para ser aberta à comunidade. Entrevistamos também o sócio do IHO, Hely Ferreira<sup>7</sup>, quando perguntado sobre as adversidades enfrentadas pelo IHO, ele informa que para ele “(...) resume-se a dificuldade financeira. Por que sem recursos necessários não se pode tocar grandes projetos como por exemplo uma reforma do espaço físico.”

O presidente informou também que há uma dívida com a prefeitura Municipal de Olinda que impede a instituição de concorrer a editais de cultura e receber financiamentos ou doações. “Nós temos uma dívida de cerca de 20 mil reais, a gente está tentando ver um perdão dessa dívida, mas até agora não tivemos resposta.” Dentro desse aspecto relacionado ao poder público, o sócio Hely relata uma dificuldade de dialogar com o poder público, que pouco se interessa pelo patrimônio histórico, de acordo com Hely “Não é de hoje que existe uma dificuldade muito grande de diálogo entre o Instituto e o poder público municipal (...) O Instituto sempre esteve aberto ao diálogo, a dificuldade vem por parte do município. Por parte dos prefeitos que passaram pelo município e na atualidade também se tem o mesmo problema.”

Outro problema enfrentado pelo IHO, são as constantes invasões e roubos, o casarão fica no centro histórico de Olinda, no mês de outubro do corrente ano, houveram duas invasões, os criminosos entraram pelo teto de telha, nas duas ocasiões foram levados objetos dentre eles ventiladores, e fiação elétrica, tornando ainda mais difícil o trabalho na instituição.

---

<sup>7</sup> Hely Ferreira é sócio do IHO e cientista político.

O IHO organiza palestras e cursos para a comunidade, no ano de 2025 houve em março o curso Intitulado: “Interação ambiente: Patrimônio e susceptibilidade do Sítio Histórico de Olinda” que versou sobre a questão da preservação do patrimônio Histórico, mas não apenas, no mês de julho o IHO também recebeu a equipe do IPHAN\UFPE para tratar sobre o Termo de Execução Descentralizada e a concretização do parecer técnico referente à avaliação geotécnica preliminar do Perímetro Tombado do Sítio Histórico de Olinda, ações importantes para a preservação do patrimônio. No mês de agosto, entre os dias 02 e 23, ocorreram ciclos de palestras intitulado “Tópicos Históricos: século XX”, as palestras contaram com a presença de sócios e convidados, que versaram sobre suas pesquisas, o tema central foi a história de Olinda. Dessa forma, o IHO não apenas conserva documentos, imagens e narrativas sobre Olinda, mas também atua como mediador entre o passado e o presente, promovendo ações educativas, exposições, seminários e publicações<sup>8</sup> que estimulam o pertencimento e a cidadania. Como lembra Hobsbawm (1983), a preservação da história local é também uma forma de resistência às narrativas homogêneas da modernidade, pois reafirma a singularidade das identidades regionais dentro de um mundo globalizado.

Não há nenhum recurso público o que faz com que o IHO atue com bastante dificuldade, visto que todas as atividades tem que ser financiadas pelos sócios. Ou pelas palestras que são abertas para a comunidade, apesar de ter alguma dificuldade na participação das pessoas, pois de acordo com o presidente:

O instituto vive o seu dia a dia, tentando resolver a dificuldade diária, não há sobra vamos fazer agora uma ação que estávamos esperando que entrasse algum dinheiro, essas das palestras, mas o ano passado nós fizemos as palestras e deram até prejuízo. Os conferencistas vêm gratuitamente, eles vêm graciosamente, oferecem a sua palestra a gente cobra 30, 40 reais as pessoas acham muito dinheiro, gastar 40 reais na formação, o dinheiro de uma sanduiche, mas as pessoas preferem um sanduiche a ter a formação, a gente cobrou 50 reais as palestras passadas, essa aí baixamos pra 30 pra ver se tem uma participação maior.

Mas apesar disso, o IHO continua sua atuação e a luta constante para atrair a comunidade para as atividades do Instituto e para a conscientização sobre a preservação do patrimônio histórico e da história local, a exemplo da exposição dos 500 anos de Olinda Intitulada “Olinda

---

<sup>8</sup> O Instituto Histórico de Olinda (IHO) publica suas produções na revista chamada de Marim dos Caetés, que tem uma edição anual, na qual sócios e não sócios podem publicar suas pesquisas, pagando uma quantia para arcar com os custos da publicação da revista.

rumo aos 500 anos: história Cultura e Patrimônio” que ocorrerá no mês de novembro deste ano.<sup>9</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, compreende-se que o Instituto Histórico de Olinda (IHO), mesmo enfrentando problemas estruturais, ausência de investimentos e falta de reconhecimento por parte do poder público, e muitas vezes da comunidade, permanece como um espaço essencial de salvaguarda da memória e da identidade olindense e pernambucana. Sua trajetória, marcada pela dedicação de membros e colaboradores comprometidos com a história local, revela a força da sociedade civil na manutenção e valorização do patrimônio cultural. O Instituto, ao longo de mais de sete décadas, reafirma-se como guardião da memória coletiva e como agente ativo na preservação da cidade de Olinda enquanto Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. Nesse sentido, o IHO se constitui como um lugar de resistência cultural, no qual a memória é tratada como construção viva, dinâmica e compartilhada, comprometida com o passado, o presente e o futuro da comunidade tendo também uma função educativa, quando realiza as reuniões do Instituto, quando organiza as palestras sobre a história de Olinda, as exposições e atividades culturais. Sua atuação contínua, mesmo diante das limitações financeiras e pouca participação da comunidade em geral, representa a força simbólica da cultura como instrumento de coesão social e de afirmação identitária.

Assim, o IHO permanece como símbolo de resistência, continuidade e compromisso com a história, contribuindo de forma decisiva para a manutenção da identidade cultural de Olinda e de Pernambuco. Sua atuação reafirma a necessidade urgente de maior valorização, financiamento, apoio institucional e políticas públicas de preservação cultural, para que essa herança possa ser transmitida às futuras gerações.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: **Edições 70**, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Rio de Janeiro: **Campus**, 1990.

---

<sup>9</sup> A exposição acontecerá de 10 a 14 e de 17 a 20 de novembro como parte da Exposição Viva Pernambuco, que é um projeto realizado junto com outros Institutos pernambucanos com o patrocínio do IPHAN e que será usado para exposição como preparação para os 500 anos da cidade de Olinda.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: **Atlas**, 2019.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1988.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1983.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: **Unicamp**, 1990.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 15. ed. São Paulo: **Hucitec**, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e identidade: os institutos históricos e geográficos no Brasil. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: **Atlas**, 1987.